

O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O REPERTÓRIO ARTÍSTICO DA CRIANÇA

FLÁVIA DEMKE ROSSI¹;
MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – flavia.demkerossi@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A origem da presente pesquisa se encontra em uma investigação, iniciada no ano de 2016, para a monografia de conclusão do Curso de Especialização em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – RS. Para subsidiar a pesquisa, realizei uma experiência de intervenção pedagógica com uma turma do 4º Ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal de Pelotas – RS, no período de seis semanas, totalizando 12 horas/aula. Durante as atividades percebi a necessidade de ampliar o repertório artístico das crianças diante da problemática dos desenhos estereotipados. A aproximação da criança com os conhecimentos sobre arte, poderia, segundo minha hipótese, contribuir para o desenvolvimento da percepção estética e assim possibilitar a descobertas de novas possibilidades de criação no mundo da arte, bem como, uma percepção mais sensível para a vida.

Através dos estudos sobre o desenho cultivado da criança (Lavelberg, 2006), descobriu-se que há uma influência exterior na produção desenhista da criança, que ocorre na assimilação que esta faz das imagens de sua cultura através da percepção. Em seu processo criativo, a criança reelabora, combina e transforma as formas por ela conhecida, por meio de sua criatividade e imaginação. Logo, a ampliação do repertório de imagens da criança por meio do aprendizado em arte e sobre arte, contribuiria para o seu desenvolvimento gráfico/artístico.

2. METODOLOGIA

Conforme mencionado, para subsidiar esta pesquisa de abordagem qualitativa, realizei uma experiência de intervenção pedagógica em uma turma de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Para Damiani et al (2013, p. 6), “[...] o método das pesquisas do tipo intervenção pedagógica envolve planejamento e implementação de uma interferência e a avaliação de seus efeitos”. Ou seja, o proponente das atividades é o professor que como agente da intervenção, também será o autor do relatório, o qual deverá estar voltado para a sua atuação em sala de aula. Assim, segundo este método, o professor fará a descrição do que foi realizado no seu ensino, justificando as diferentes proposições planejadas e implementadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a intervenção em sala de aula, para conhecer os “meus” alunos, propus à turma a realização de um desenho de paisagem acompanhado por escrita, buscando apreender suas ideias sobre paisagem. Na observação dos

desenhos realizados pela turma, percebi que a ideia de paisagem está relacionada com a ideia de natureza e representação desta (não no sentido de imitação do real, mas de apropriação das formas para a criação), tendo ou não a presença humana (ou os vestígios da mesma) interagindo com o meio. Compreendi que as crianças ao desenhar, se utilizavam das imagens que já conheciam, em um processo criativo em diálogo com sua a imaginação e o seu repertório artístico/imagético, que é construído a partir de formas que inventamos e colecionamos quando crianças quando queríamos designar elementos naturais, coisas, objetos, pessoas e sentimentos (CASTELL, 2012). Nas imagens a seguir quero apresentar dois desenhos de alunos, com a temática de paisagem:



Figura 1: Primeiro desenho de paisagem. Fonte: Acervo pessoal, 2017

Compreendo que a produção desses desenhos cuja temática refere-se a paisagem, possuem influências da cultura visual, na qual estamos inseridos, aliada a aspectos da memória, afetividade e outras subjetividades de cada criança. O desenho pode expressar o repertório de imagens e formas que a criança vem construindo até o momento, em um processo de assimilação, interpretação e combinação de diversas visualidades. Dentre elas, infelizmente se encontram algumas formas estereotipadas (como os pássaros representados em “M”). Entendo por estereótipos, os modelos prontos de desenho, que são utilizados pelos pedagogos como suporte para a escrita, no processo de alfabetização (CASTELL, 2012).

Para Munari (1989) apud Iavelberg (2006),

Quase todas as crianças de quase todo o mundo pintam o que veem, o que sabem, o que conhecem, ou seja, um prado, uma casa, montanhas, uma árvore e o sol. A forma da casa ou da árvore poderá variar, mas os temas são mais ou menos estes. E se não forem ajudadas a desenvolverem-se, em adultos pintarão, como hobby, as mesmas coisas, do mesmo modo. A criatividade deve, portanto, ser estimulada. (MUNARI, 1989, apud IAVELBERG, 2006, p. 85)

Se a criatividade está relacionada com vivenciar experiências significativas com a cultura, logo, as propostas de atividades que aproximem a criança e a arte, se constituem um meio de excelência para tal propósito. Por isso, no decorrer das aulas, propus aos meus alunos da pesquisa, atividades que envolviam o manuseio e a interpretação de reproduções de obras de arte, impressas em colorido num papel A4.

Durante a distribuição das imagens de pinturas do gênero paisagem, percebi pelas expressões de estranhamento e satisfação dos alunos, que tal ação poderia ser capaz de despertar suas curiosidades para os conhecimentos em arte. Propus que os alunos pintassem a obra escolhida com tinta guache em um papel tamanho A3. Minha intenção para tal proposta, não era direcionada para a cópia. Não me interessava se as reproduções de meus alunos fossem fidedignas ou não com as suas imagens. Queria proporcionar a eles uma melhor compreensão da obra. Esta atividade de pintura, seria um estímulo a observação de como tal artista realizou determinada pintura, como ele construiu o espaço da obra e dispôs seus elementos, que cores e tonalidades usou para dar a ilusão de profundidade nas pinturas de paisagem, entre outros aspectos. A seguir, uma montagem de fotografias realizadas durante esta atividade.



Figura 8: Atividade de pintura das obras de arte. Fonte: Acervo pessoal, 2017

Gostaria de justificar a escolha desta atividade através da afirmação de Morozova (1982) apud Ferraz e Fusari (2009, p. 91), ao constatar que,

(...) frequentemente o educador acredita que só a primeira observação do objeto ou fenômeno deve ser realizada com mais interesse, com maior emoção, e pensa que durante as repetições das observações os objetivos cognitivos são os mais concretos. Isso é incorreto, uma vez que o desenvolvimento dos sentimentos estéticos também exige que sejam exercitados, porque, do contrário esses sentimentos não poderão ser verdadeiros, profundos, e isso refletirá na realização das atividades de expressão plástica". (MOROZOVA, 1982 apud FERRAZ E FUSARI 2009, p. 91)

Inspirada nas palavras da autora, reflito sobre o significado, quero dizer, a importância que o fazer representa para a cognição, ou seja, para o conhecimento sobre a obra de arte e os seus significados, quanto para sensibilidade, ao proporcionar uma compreensão estética da obra por meio da apreensão de suas qualidades formais. A imersão na obra, através do fazer, do contato com a materialidade da tinta e do suporte, propicia experimentar sensações de descoberta, alegria, medo, frustração e superação que fazem parte do processo artístico.

4. CONCLUSÕES

A presente pesquisa possuía o intuito inicial de investigar as percepções da criança acerca do seu espaço, no que confere as representações que ela realiza do seu cotidiano e qual seria o seu entendimento acerca do que se compreende enquanto paisagem. Porém, ao realizar a primeira atividade planejada, um desenho livre sobre o tema paisagem, percebi nos desenhos a presença de desenhos estereotipados. O que provocou em mim inquietações e questionamentos quanto as possíveis possibilidades de mudança de tal prática. Então após algumas leituras sobre o tema, percebi através do conceito de desenho cultivado, que o desenho da criança pode incorporar diversas referências de imagens presentes na cultura. Logo, vislumbrei a ampliação do repertório artístico das crianças, como um meio propositivo à criação artística, à medida que as crianças entram em contato com as mais diversas obras de arte e interagem com elas, através de atividades que despertam seus interesses e curiosidades sobre os conhecimentos em arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELL, Cleusa Peralta. **Pela linha do tempo do desenho infantil: um caminho trans estético para o currículo integrado**. Rio Grande: FURG, 2012.

DAMIANI, M. F.; ROCHEFORT, R. S.; CASTRO, R. F.; DARIZ, Marion R.; PINHEIRO, S. N. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação** (UFPEl), v. 45, p. 57-67, 2013.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de R. e. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2009.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2006.